

31 de janeiro de 1920, encontra-o o repórter de *A Folha*: Lima Barreto fora mandado varrer o jardim e esclarece que ali está como indigente, rematando: — “No Hospício, também predomina o pistolão”. O romancista era irreverente, na verdade; no *Gonzaga de Sá*, por exemplo, a personagem central considerava Rio Branco uma “mediocridade supimpa”, e não era diferente a opinião do autor sobre os nossos diplomatas, como se pode verificar em seu artigo do *ABC* de 2 de novembro de 1918, intitulado “A Corte do Itamarati”; sabia ver o ridículo, onde se apresentasse, como no movimento feminista da época, dividido em grupos ferozes, o da Liga pela Emancipação da Mulher Brasileira, liderada por Berta Lutz, que pleiteava o voto feminino; o Partido Republicano Feminino, liderado por Deolinda Daltro, que queria o ensino obrigatório do tupi; a Legião da Mulher Brasileira, com a esposa de Epitácio Pessoa, presidente da República, à frente, que era o feminismo religioso e oficial; e o grupo liderado por Mme. Chrysanthème, que pleiteava o direito das mulheres entrarem para a Academia Brasileira de Letras; Lima Barreto mostrava as razões sociais da degradação da mulher e combatia “as borra-botas femininas que há por aí” e seus partidos de “cavação”. Em 23 de abril de 1921, pelo *ABC*, analisava o movimento tradicionalista e religioso então em desenvolvimento, sob larga publicidade da imprensa, e afirmava: “O culto à brasilidade que ele prega é o apego à herança do passado, de respeito não só à religião mas também à riqueza e às regras sociais vigentes, daí a aliança da jovem fortuna, representada pelos improvisados ricos de Petrópolis, com a Igreja. Mas tal culto tende a excomungar, não o estrangeiro, mas as idéias estrangeiras de reivindicações sociais, que são dirigidas contra os Cresos de toda ordem. O Jeca deve continuar Jeca, talvez com um pouco de farinha a mais”⁽²⁶³⁾. Sabia honrar aqueles a quem admirava, porém, não admitia que atacassem, na sua presença, a Félix Pacheco, diretor do *Jornal do Comércio*, acadêmico e senador: “Não é do sr. Félix Pacheco, senador e redator-chefe do *Jornal do Comércio*, de quem falo. É do Félix, protetor dos escritores des-

zaga de Sá, encontrou a mais inesperada e unânime abstenção por parte do público, que inexplicavelmente se recusou a absorver a mínima porcentagem que fosse dos três milheiros de exemplares de que se compunha a edição! Nas contas-correntes das centenas de livrarias correspondentes ou consignatárias, era fatídica e certa como um estribilho esta alínea: ‘Gonzaga de Sá; recebidos, tantos, devolvidos, idem’. Dentro de alguns meses a edição, depois de breves vilegiaturas por todos os recantos do país, ali estava de torna-viagem, sorrindo para nós um escarninho sorriso de esfinge”. (Leo Vaz: *Páginas Vadias*, Rio, 1957, págs. 74/75).

(263) Tratava-se de movimento “nacionalista” de direita, chefiado principalmente por Alcibiades Delamare Nogueira da Gama, que fundou os jornais *O Nacionalista* e *Gil Blas*, e Jackson de Figueiredo que, em agosto de 1921, fundou *A Ordem*.